



Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Liberdade

DE que serve viver sem liberdade? O viver sem liberdade só tem sentido quando se faz tudo para a adquirir, com esperança de a vir a alcançar. Este é o estímulo para aceitar a ausência de liberdade e a força para lutar por ela.

Seja no âmbito da vida natural seja na espiritual, o homem aspira e só se realiza em liberdade. Este bem, fundamental, resulta do agir de cada um mas também do agir colectivo. Também no plano espiritual estão presentes o indivíduo, a comunidade e Deus, criador e libertador.

Jesus Cristo é o único libertador. Ele é o centro vital do que move o agir cristão.

Em todo o pensamento de Pai Américo e no seu agir, está presente a necessidade de se ser livre e de se trabalhar para o alcançar. Quando dá ao Pobre o que ele precisa, transporta com este gesto o desejo de que ele seja livre e feliz. Por isso a esmola, não sendo uma humilhação é um desejo de exaltação, que não fica pelo desejo mas espera que aconteça.

A pedagogia que Pai Américo intuiu e estabeleceu nas Casas do Gaiato, tem subjacente o espírito de liberdade: Porta sempre aberta; confiança em vez de vigilância; contacto e respeito pela natureza na presença dos animais e das plantas, que crescem e vivem em liberdade; a chamada à responsabilidade nas tarefas, que é um exercício de liberdade, em que cada um se determina; da escolha entre o bem e o mal, em que o primeiro transpira da alma o sentimento de liberdade e o segundo de escravidão; a ajuda aos outros rapazes, pelo ensinamento e função paterna, no crescimento mútuo, doação livre de si mesmo e não para obter benefícios...

Porque chamaram os Pobres e os Rapazes, Pai a Padre Américo? Porque encontraram nele o seu protector, sim, mas também porque lhes abriu a porta do coração para intuírem a sua dignidade, e que irão ser livres dos males que os oprimem ao vislumbra-rem um mundo onde serão homens e mulheres por inteiro.

Como poderíamos nós aceitar um modelo de vida que nos retiraria, a cada passo, este sentimento de vida em liberdade? E nos oprimiria, marcando em tabela o que podemos ou não fazer, ou seja, corresponderia a

estabelecer leis no viver? A isto dizemos que é melhor ter a lei no coração, e como Santo Agostinho dizer também - *ama e faz o que quiseres*. Vivendo pela lei da liberdade passamos do antigo ao novo Testamento.

Não se pode regredir; de outro modo seria, verdadeiramente, um retrocesso civilizacional.

O mundo está cheio destes retrocessos. Nestes nossos tempos estão escandalosamente à vista de todos.

Padre Júlio

PÃO DE VIDA

Do Padre Augusto Nunes Pereira

NO 120.º aniversário do nascimento do Padre Augusto Nunes Pereira [1906 †2001], foi lançado um vasto programa cultural para homenagear este notável artista - *Do nascimento ao [re] nascimento*. Associando-nos às comemorações, também lembramos jus-

tamente este sacerdote virtuoso, que foi condiscípulo de Padre Américo, rememorando como intróito alguns traços do seu percurso biográfico e depois divulgando algumas linhas das palavras recolhidas de um testemunho pessoal, em 4 de Março de 1992, no Tribunal Eclesiástico de Coimbra, para a *Causa de Canonização do Servo de Deus, Américo Monteiro de Aguiar, sacerdote*.

Justifica-se assim uma pequenina nota biográfica, sobre a vida deste padre exemplar e multifacetado da Diocese de Coimbra. No seu assento de baptismo, o Pároco de Fajão desse tempo, Padre Carlos José Fernandes de Almeida, registou assim estas primeiras linhas: «No dia vinte e três de Dezembro de mil novecentos e seis, nesta igreja paroquial de Fajão, concelho de Pampilhosa, Diocese de Coimbra, baptizei solenemente um indivíduo do sexo masculino, a que dei o nome de Augusto, nascido no dia nove do mês e ano supra, por três horas da manhã, no lugar da Mata, desta freguesia de Fajão, filho legítimo de António Nunes Pereira e Ana Gomes [...]». [vd. Arquivo da Universidade de Coimbra - Fajão/Anno de 1906/ Baptismos N.º 2, n.º 53]. De notar que a data de nascimento que consta é 9 de Dezembro, embora o Padre Nunes Pereira o celebrasse a 3 de Dezembro... Tinha mais três irmãos. Seu pai era escultor santeiro e faleceu quando Augusto tinha 9 anos, dele herdando as ferramentas, o gosto e o talento pela arte.

Depois de aprender as primeiras letras, em 3 de Setembro de 1919, com 12 anos, foi admitido no Seminário de Coimbra [registo n.º 106], como *aluno pensionista*. Ao longo da formação filosófica e teológica, foi recebendo Ordens: recebeu a Prima Tonsura e Menores em 18, 19 e 20 de Dezembro de 1925; o Subdiaconado em 23 de Julho de 1928; o Diaconado em 7 de Junho de 1929; e o Presbiterado em 28 de Julho de 1929, juntamente com Américo Monteiro de Aguiar, de Galegos - Penafiel e José Marques da Silva, de Almoester - Alvaiázere [vd. 'Ordena-

Continua na página 3



MALANJE

«Uma família para quem não tem família.»

COM este lema, Pai Américo abriu as portas a todos aqueles que, mesmo tendo família, a encontram na Obra da Rua, e àqueles que, tendo-a, podem sê-lo para quem a não tem ou a perdeu.

Com esta simplicidade que caracteriza os simples, neste Natal recebemos a família do David e da Rebeca, com os seus pequenos Davidezinho e Leo. Num ambiente de alegria e amor, vimos o Davidezinho reencontrar-se com os seus irmãos gaiatos, com aquela cumplicidade e naturalidade que só as crianças sabem ensinar aos adultos. O Leo passou os dias com os seus irmãos debaixo das mangueiras, e o Davidezinho, também com os seus irmãos, a desfrutar do novo campo de futebol. O David esteve a preparar as janelas e as portas do galinheiro que estamos a recuperar. A Rebeca a redobrar esforços para que a ninguém faltasse esse amor de mãe.

Não tardaram a chegar o Alberto e a Célia, sendo esta já a terceira vez que

vêm ao Gaiato. O Alberto, sempre ocupado a reparar as instalações de toda a área logística, e a Célia a apoiar o projecto dos desnutridos do Kessua. Pelo meio, muitas conversas e momentos de convivência entre todos. Onde há amor, há espaço para todos. A Casa das Irmãs tem sido um lugar de acolhimento para todos aqueles que querem visitar esta família. Certamente que o nosso Fernando Dias, desde o Céu, e a Emília se alegrariam ao ver a vida que ainda se vive naquele que foi o seu lar.

Despedimo-nos do ano com uma visita ao Lar de Idosos da Maxinde, com um carro cheio de alimentos, resultantes do que sobrou de uma oferta que recebemos de um amigo da Obra... A partir de agora seremos nós a tentar assegurar esse apoio mínimo quinzenalmente... e, se alguma pessoa nos ajudar, será muito bem-vinda, pois gostaríamos de conseguir levar-lhes um apoio semanal.

2026 chega cheio de saúde e de projectos aqui nesta Casa em Angola e,

na Obra, pedimos ao Pai Américo que nos ajude, desde o Céu, a encontrar novos horizontes para esta obra de Deus que nasceu das suas mãos.

Padre Rafael

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

“ESCUZAI! O SEMEADOR SAIU A SEMEAR.” (Mc 4,3) — Antes de mais, como esta é a primeira crónica deste Novo Ano, desejamos a todas e a todos os nossos leitores um 2026 cheio da Graça de Deus.

Precisamos bem dessa Graça e Deus dá-no-la sempre, mesmo sem nós a pedirmos. Ele semeia sem olhar a quem. O problema é que andamos muitas vezes tão ocupados ou tão distraídos que nem nos damos conta que essa Graça chegou, em formas que nem nos passam pela cabeça. Mas também pode acontecer de só andarmos pelo que é superficial e “ao sabor das ondas”, sem irmos mais fundo ao que realmente é importante na vida e, por isso, a Graça de Deus não tem “terra” suficiente onde possa ganhar raízes.

Deus não nos avalia “a metro” no que conseguirmos fazer com a parte que todos temos de “terra boa” onde a Sua semente caiu: “*um dá trinta, outro sessenta e outro cem por um*” (Mc 4,8). O importante é que cuidemos desse bocado de “terra boa” que todos temos e que também ajudemos outras pessoas a encontrar e a cuidar da “terra boa” que também têm para que o mundo não seja cada vez mais invadido pela “terra má”.

Na modéstia do que vamos fazendo às pessoas que vamos ajudando de várias maneiras e com a vossa colaboração queremos que isso possa ser esse cuidar de “terra boa” para que a Graça de Deus possa ter mais onde germinar, mesmo que às vezes pareça que essa Graça se perdeu, ou que não chegou a ganhar raízes.

Os nossos contactos

(só para assuntos da Conferência e não para assuntos da administração do jornal)

Conferência Vicentina de Paço de Sousa

A/C Jornal “O Gaiato”

4560-373 Paço de Sousa

Telem. 965464058

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt

Américo Mendes

MIRANDA DO CORVO — COIMBRA

PROF. CUNHA VAZ — Tivemos conhecimento do falecimento, a 21 de Janeiro, do sr. Prof. José Cunha Vaz [1938†2026], com 88 anos, grande médico oftalmologista de Coimbra (onde nasceu a 5 de Novembro de 1938), excelente professor de Oftalmologia da Universidade de Coimbra e especialista de renome internacional, na investigação da visão. Era uma alegria encontrar este bom amigo na Missa na igreja de S. Julião da Figueira da Foz, em Agosto de cada ano. À sua família, endereçamos os nossos sentidos pêsames e pedimos a Deus para que descanse em paz.

ESCOLAS — No Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo, o 1.º semestre lectivo terminou a 23 de Janeiro, pelo que houve uma interrupção de 26 a 29 deste mês para reuniões de avaliação, retomando as aulas a 30, com início do 2.º semestre. Os Rapazes ficaram em Casa, sendo acompanhados nas três salas de estudo. Esperamos por resultados positivos nas avaliações finais.

MAU TEMPO — Depois de outras duas depressões, na madrugada do dia 28 de Janeiro, quarta-feira, a região centro de Portugal continental foi afectada pela passagem da depressão *Kristin*, que entrou na zona de Leiria e progrediu para o interior, com fortes rajadas de vento. Houve cortes de energia, quedas de árvores, estradas cortadas, a suspensão do Metro Mondego e

Escolas fechadas. Na nossa Casa, caiu parte de uma árvore, junto à rede do lado poente do campo de futebol; e também caíram ramos de alguns arbustos e grande quantidade de folhas. De manhã, tivemos de apanhar troncos, cortados, e ramos, e varremos muitas folhas nas calçadas. Ainda caiu uma janela da nossa Capela e houve telhas levantadas. As nossas condolências às vítimas desta forte tempestade.

PARTILHAS E CONTACTOS — Do tempo natalício, em que recebemos mais donativos e partilhas de bens alimentares, agradecemos muito a todos os nossos amigos, referindo mais algumas campanhas e várias empresas: amigos do BPI – Coimbra e Lousã; catequese de Foz de Arouce – Lousã, catequese de Rio de Vide, alunos de Educação Moral e Religiosa e Católica da Mealhada e Pampilhosa; Lucer – Macieira da Lixa; Traditimber – Vale de Cambra; Farmácia S. Sebastião – Coimbra; Hotel D. Inês – Coimbra; Mendes Gonçalves – Golegã; uma Farmácia em Canas de Senhorim. O nosso muito obrigado, pelas ajudas importantes para a nossa Casa, e lembramos a Deus as suas intenções! Morada e contactos: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo – Casa do Gaiato, Largo de S. Brás, 15, 3220-034 Miranda do Corvo, telefone – 239 532 125; correio electrónico – gaiatomiranda@gmail.com

Rapazes de Miranda



PAÇO DE SOUSA

VISITAS — Esteve connosco um grupo de catequese de adolescentes da paróquia de Oliveira do Douro, Vila Nova de Gaia, com 24 jovens e seus catequistas. Depois de uma visita guiada à nossa Aldeia, conduzida pelo nosso Júnior, o grupo orientou-se para o nosso Memorial / Museu Padre Américo – Obra da Rua. Os jovens foram seguindo a descrição feita pelo Júnior e, no final, acomodaram-se na sala de projecções do Museu, onde

visualizaram um filme sobre a nossa Aldeia nos anos 40 do século passado, que terminou com uma salva de palmas. Agradecemos, uma vez mais, as ofertas que nos trouxeram, sinal do sentido de partilha e generosidade a que a catequese os estimula.

TIPOGRAFIA — A nossa tipografia ficou sem um impressor, e procura agora colmatar essa lacuna. Estamos a preparar um dos nossos para essa tarefa, mas é um processo demorado. Se os nossos amigos ou algum gaiato mais velho tiver conhecimento de alguém que esteja disponível,

agradecemos o contacto. Sabemos como, nestes tempos, esta profissão carece de pessoal especializado.

MENO — Ao fim de muitos anos, o «Meno» reformou-se. Desde pequenino que esteve connosco, quando ficava na casa-mãe da nossa Aldeia de Paço de Sousa. Começou desde muito cedo a gostar dos nossos tractores, acabando por se dedicar ao longo da vida na profissão de tractorista. Desejamos-lhe longa vida com saúde junto da família que construiu.

Repórter X

BEIRE – Flash’s

‘Velhos’... já’ki há muitos!...

Ela passou mesmo no momento em que ia eu *sobre a linha*¹, a treinar o meu equilíbrio... Saudou-me sorridente: — *Com que então, a fazer a sua ginastiquinha?!... — Pois! Tenho que ajudar Deus, fazendo eu a minha parte, para não ‘morrer antes de envelhecer’... Porque ‘velhos’ já’ki há muitos... Ela disse ainda qualquer coisa ‘de circunstância’, mas seguiu prá vida dela. E eu dei comigo a ver nascer esta crónica. É uma das vantagens de termos o jornal *O Gaiato* e me acolherem como *Um Admirador*, a quem é dado um cantinho para expor as suas admirações... Porque, efetivamente, “envelhecer não é fácil”... Mesmo quando se é “um velho feliz” — *cm’eu bou sendo*, diria o meu pai.*

1. Vêm já do passado, mas ainda... Logo após aquela *cena de nada*, dei comigo a *passar-me* em anos atrás. Ainda a televisão era a preto e branco, com um canal único. Num Lar de Idosos, havia uma residente que completava 90 anos — coisa rara na sociedade de então. — *A sedona Milinha é a mais jovem desta Casa. Está sempre bem-disposta e tem sempre uma palavra amiga para todos... Parece que leva a boa disposição a toda a gente...*

A TV foi até lá — para *mostrar ao mundo que...* A D. Milinha foi entrevistada e, no final, lá saiu

a velha pergunta: — *Que conselhos daria aos jovens que nos ouvem para que possam chegar a essa bonita idade assim com essa juventude toda?!...*

Passados muitos anos, em montagens de diaporama vi, no WhatsApp, algumas das respostas dela que nunca mais esqueci. Fixei esta, quase *ipsis verbis*, porque a sinto como um fenómeno humano a que urge estar atentos: «Se pensar em casar, faça-o com uma pessoa com quem goste de conversar. Um dia, vai descobrir que não há maior prazer».

Há dias, alguém reencaminhou para mim um desses *reels* que superabundam nas redes sociais. É uma velhinha simpática que repete sem cessar: «Todo o mundo necessita de três amigos: um para rir-se, outro para chorar e outro para crescer... E, se tens a sorte de encontrar as três respostas numa só e mesma pessoa, encontre o teu melhor amigo». Tentando ser honesto com a pessoa que mo enviou, respondi: «Para chorar, não tenho grande jeito. É um tema que pede uma grande conversa — por causa do *vitimismo*²... Mas, para rir e crescer, parece que já vou mostrando algum jeitinho...»

Penso em dois livros, da psiquiatra Marian Rojas Estapé — *Escolha a sua Pessoa Vitamina e*

*Como fazer para que aconteçam coisas boas... Tudo a convergir. Porque **A Vida**, para lá do perecível, é eterna — o seu passado caminha connosco, hoje, a caminho do futuro... Se não aprendemos a cuidar bem da nossa cabeça, ela fará da nossa vida um inferno. Instituições como o Calvário (imprescindíveis, cada vez mais), são disso testemunho evidente. Basta estar atento e saber olhar...*

2. A velhice, na ‘Vida Ascendente’, *CRESCE*... Conheci o movimento ‘*Vida Ascendente*’ em Viseu, na *Residencial Dona Leonor* — um ‘*lar de idosos*’, para *gente de massa*... De tantas vezes que lá trabalhei como ‘formador’³ de *Relações Inter e Intra Pessoais*, aprendi que em qualquer instituição deste género é preciso cuidar bem da *vocação/preparação* para trabalhar com ‘*doentes de idade*’, com ‘*desvarios emocionais e/ou mentais*’... Pude ‘ver’ ali aquilo que Pe. Baptista sempre disse da prática diária do terço e da missa dominical aqui no Calvário. — *Digam lá o que disserem, isso serena-os muito... Hoje, sei-o bem, por um saber já de experiências feito. Como o amor, é um tema que não dá para “ensinar”, mas pode aprender-se — vivendo-o...*

O nome “*Vida Ascendente*” reflete a visão de que *o envelhecimento deve ser um crescimento contínuo do espírito*



PÃO DE VIDA

Continuação da página 1

ção no Seminário', in *Correio de Coimbra*, N.º 374, 3 Agosto 1929, p. 4; 'Ordenação', in *Boletim da Diocese de Coimbra*, n.º 7-12 (1 e 15 Jul. – 1 e 15 Set. 1929), p. 66]. O Padre Américo terá dito sobre a sua vocação sacerdotal com veia artística: «Pode-se ser padre e artista [...]. Repara, por exemplo, em Fr. Angélico que, sem deixar de ser um bom monge, foi o artista que foi.» [vd. *Correio de Coimbra*, N.º 2046, 7 Agosto 1980, p. 4]. Foi cofundador, ilustrador e dinamizador da revista manuscrita *Lume Novo*, dos alunos do Seminário de Coimbra, com muitas e belas ilustrações, e onde Américo de Aguiar também colaborou sob o pseudónimo *Frei Junípero*, no arco de 8 de Dezembro de 1926 a Junho de 1930 [N.ºs 1 a 13]. Foi Pároco em Montemor-o-Velho [1929-1935]; depois, em Coja – Arganil [1935-1952] e em S. Bartolomeu – Coimbra [1952-1980]. Foi Chefe de Redacção do jornal *Correio de Coimbra*, de 1952 a 1974. De 1980 a 2001, manteve residência em Coimbra; e, em 1995, fixou residência no Seminário Maior de Coimbra. Foi Vigário Geral, membro da Comissão Diocesana de Arte Sacra e Conservador do Património Artístico da Diocese de Coimbra. Foi-lhe atribuída a Medalha de Ouro da Cidade de Coimbra. Na Paróquia de S. José, em Coimbra, onde colaborou, deixou um belíssimo *Vitral da Ressurreição*, na igreja paroquial. Faleceu a 1 de Junho de 2001, com 94 anos, na freguesia de Santo António dos Olivais, concelho de Coimbra.

O Padre Nunes Pereira foi conciliando naturalmente o serviço pastoral na Diocese de Coimbra com o seu interesse por várias artes – poesia, desenho, aguarela, escultura, vitral e sobretudo xilografia. Nesta arte, foi o melhor

artista português da segunda metade do século XX. Nas suas obras, assinava por N.P. [Nunes Pereira], mas humildemente dizia: *não presta...* Publicou alguns livros, v.g.: *Panorama artístico das Beiras*. Lousã, 1947; *Pedra d'Ara: versos*. Coimbra, 1954; *Do Cadeiral de Santa Cruz*. Coimbra, 1984; *Os Contos de Fajão*. Coimbra, 1989. Foi professor, v.g.: no Instituto Superior de Estudos Teológicos [de História da Arte, de 1980 a 1994]; e na Escola Avelar Brotero, em Coimbra. Fundador do Movimento Artístico de Coimbra e da Sociedade Cooperativa de Gravadores de Portugal, e sócio da Sociedade Nacional de Belas Artes. A Oficina-Museu Mons. Nunes Pereira, no Seminário Maior de Coimbra, foi inaugurada a 10 de Janeiro de 1997 [vd. Aurélio de Campos – *Seminário de Coimbra: subsídios para a sua história*. Coimbra, 2014, p.344-345], tem à sua guarda cerca de 15 mil peças e vem dinamizando actividades culturais meritórias, especialmente exposições, para divulgar o belo e rico legado artístico do Padre Augusto Nunes Pereira. Na sua aldeia natal, há o Museu Monsenhor Nunes Pereira, inaugurado a 13 de Setembro de 1997. Os seus trabalhos artísticos, na sua maioria, encontram-se dispersos pela Diocese de Coimbra, nomeadamente em: igrejas, capelas, instituições particulares e no domínio privado. No *Memorial Padre Américo – Obra da Rua*, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, foram recolhidas duas peças, em xilografia: rosto de *Padre Américo* e uma *Sagrada Família*. Sobre o Padre Nunes Pereira foram publicadas algumas obras: uma excelente fotobiografia – *Monsenhor Nunes Pereira: O percurso de uma vida*. Coimbra, 2001; e *Monsenhor Augusto Nunes Pereira no Centenário do seu Nascimento*. Coimbra, 2008.

Na homilia da Missa exequial, o Bispo de Coimbra, D. Albino Cleto, afirmou: «*nós, os Padres de Coimbra, perdemos uma jóia*». Mais, disse: «*ser artista como ele foi é ser pregador e padre. Os seus traços pictóricos são uma verdadeira pregação porque o artista aponta-nos sempre as pegadas de Deus*». Entre tantos, eis o belo poema *Minha Mãe*: «*Por graça do Senhor fui ordenado/certa manhã de esperança e alegria,/ e a obediência ao meu Prelado/ naquela hora grande eu prometia./ Fiquei, porém, confuso e abismado/ por ver na minha terra, ao outro dia,/ na pitoresca aldeia onde fui nado,/ a minha Mãe a dar-me senhoria./ Perante o meu protesto reverente,/ a minha Mãe que-rida respondeu:/ – sou tua mãe; crie-te com amor,/ mas tu agora és padre eternamente;/ dou senhoria a quem é mais do que eu./ Pois não és ministro do Senhor?».*

[continua]

Padre Manuel Mendes

e não um declínio. “Vida Ascendente” é um convite a não “ficar a pensar na morte”, mas sim a **descobrir** novos rumos para a vida já no pôr do sol ... Por isso gosto de repetir-me: Para quem souber aprender a aproveitar bem esta fase da vida, é insondável a riqueza do mundo interior que aqui, em comunidade, cada um pode ir **perfurando**... Para seu próprio bem, da comunidade em que está inserido e de toda a «comunidade dos homens por Deus amados»... Não me canso de dar graças pela bênção de poder estar aqui, um pouco já como *mobília da casa*...

3. O segredo é ‘cuidar bem’ de si, para... Gostei de ser alertado para esta realidade e até fixei o título do livro⁴ e a página em que isso está muito bem explicado: «...a ideologia do ‘altruísmo’ entrou nas nossas mentes de ocidentais tanto pela via do cristianismo como pela via do humanismo ateu». De seguida, o autor — sacerdote católico, teólogo respeitável e fundador do movimento meditativo

«Amigos do Deserto» — prossegue a sua explicação: «No budismo zen, pelo contrário, parece muito claro que o melhor modo de ajudar os outros é **ser-si-próprio**»⁵...

1. Referência a um ‘exercício de equilíbrio’, recomendado no PRR — Plano de Recuperação e Resiliência, da Cidade do Porto, Amiga das Pessoas Idosas...

2. Se lhe dermos corda, esta doença — o **vitimismo** — dá cabo de muitas vidas. Todo mundo gosta de se queixar, ser vítima de e de e...

3. Sei que, na realidade, não há ‘formadores’ — ninguém consegue substituir ninguém na gestão do seu mundo interior... E, porque «a formação é a transformação em ação da informação recebida», ninguém pode fazer esse trabalho por ninguém. ‘É um caminho que só se faz a pé’...

4. *Biografia do Silêncio*.

5. *Ser-si-próprio*, mas só **como Deus manda**...

Um admirador

[Escreve segundo o acordo ortográfico]

SINAIS

CONSULTAS de rotina — total e olhos...

Está tudo a funcionar. Vamos com o Senhor. Ele me ampara dia a dia. Obrigado Jesus!

Acompanhou-me o Sr. Pacheco e a Teresa.

Tudo normal — mas a caminho do fim.

Que o Senhor me ajude.

Como os dias passam! Dias sem nada... Sol que nasce, sol que morre!

Acorda!

Olha o sol no céu! E na terra os trabalhos do dia!

Sol que vem... Sol que vai...

Valoriza os teus passos... Dá sentido ao teu caminho...

E em cada passo e caminho põe um sentido...

Jesus a meu lado, em cada passo e no meu braço o terno aperto dos Seus dedos...

Sinto e caminho...

Levemente, Ele aperta e eu acordo e continuo a caminhar.

Por vezes, é um acordar morno e eu tropeço no pó. O pó atrai e perturba o meu caminho.

Acerto o passo... Acorda-me, Senhor!

Padre Telmo

Reflexão de um Gaiato

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

Este pensamento de Paulo Freire resume, em poucas palavras, uma ideia que também foi central na pedagogia de Padre Américo: a educação como um caminho vivido, construído com esforço, responsabilidade e liberdade. Não se tratava de proteger excessivamente, nem de infantilizar os rapazes, mas de lhes confiar o espaço e a tarefa. De educar fazendo — e, muitas vezes, deixando fazer.

Vivemos tempos em que tudo parece caminhar para ser igual, padronizado, como se houvesse uma única forma certa de educar. No meio dessa vontade de “organizar” tudo, começa a crescer uma preo-

cupação entre quem viveu ou vive a Obra do Padre Américo: será que, sem dar por isso, os “formalistas” estão a apagar, pouco a pouco, aquilo que tornava a Casa do Gaiato única?

Este texto não é uma crítica agressiva. É só um alerta. Porque, às vezes, com tanta vontade de fazer bem, corre-se o risco de matar o melhor que existe.

Padre Américo não via os rapazes como frágeis para sempre, nem criou instituições para “guardar” crianças. A sua maneira de educar era exigente, baseada na responsabilidade, no exemplo, na autoridade que nasce do respeito, e na ideia de que cada rapaz podia — e devia — tornar-se um Homem entre outros homens. A educação acontecia no dia a dia, no campo, na cozinha, nos erros corrigidos por outro rapaz, no convívio com quem nos conhecia pelo nome e nos confiava tarefas importantes.

Este tipo de pedagogia não cabe nos manuais dos “forma-

listas”. Não por maldade, mas porque tem outra alma. É algo que não dá para medir com grelhas e relatórios.

Até hoje, nenhuma Casa do Gaiato foi assumida oficialmente pelos “formalistas”. Mas o peso deles já se faz sentir: através de protocolos, regulamentos, fiscalizações e exigências que, mesmo sendo “só sugestões”, acabam por ser obrigatórias. Aos poucos, o que era uma comunidade viva, com base no Evangelho e na autonomia, vai-se moldando a modelos formais e distantes.

Claro que tudo vem com boas intenções — proteger, ajudar, garantir direitos. Mas há um risco real: que se vá perdendo o que a Obra tem de mais especial. A sua alma. A sua forma de fazer crescer pessoas.

Não se trata de recusar mudanças, nem de se dizer que tudo no passado era perfeito. Mas é importante lembrar que a Obra nunca foi um lar qualquer. Foi — e deve continuar a ser — uma Casa. Uma Família. E isso faz toda a diferença.

[continua]

«Dimas»



Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. (NIF) 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 7700

Director: Padre Júlio • Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Redacção e Administração: Largo da Casa do Gaiato, 94 • 4560-378 Paço de Sousa
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato • 4560-378 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 (Chamada para a rede fixa nacional)
geral@obradarua.pt • jornal.o.gaiato@obradarua.pt
www.obradarua.pt • www.obradarua.pt/estatuto-editorial/ • facebook.com/Casa.do.Gaiato

Crédito Agrícola: IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Caixa Geral de Depósitos: IBAN: PT50 0035 0597 0002 9078 0304 5

NIB: 0035 0597 0002 9078 0304 5 • BIC/SWIFT: CGDIPTPL

Há 70 anos — Pai Américo — partiu para o Céu

Por amor à verdade

Acabo de ver um Jornal norte-americano. Se não tivera lido em imprensa de mais perto tanta fantasia sobre a vida e a morte do Pai Américo, mais ainda pasmaria das distâncias aonde leva a imaginação dos homens.

Isto e o interesse manifestado por muitos leitores, faz-nos voltar aos últimos dias da sua vida e relatar.

Em 12 de Julho, 5.ª feira, foi a bênção da Capela de Beire. Dia de grande satisfação para Pai Américo. E o seu último acto público, como que o sublinhar do seu cuidado maior: «A vida religiosa nas nossas comunidades, seja o centro. As grandes aflições dos Padre da Rua tenham aqui a sua origem; vale mais a alma do que o corpo».

Na tarde desse dia partiu em direcção ao Minho aonde o levavam assuntos da Obra. Arrumados estes, em 6.ª feira, 13, outros o obrigaram a descer a Coimbra. Contava pernoitar em Marinha Grande onde realizaria uma palestra sobre o Património dos Pobres; porém, a notícia de uma recepção festiva, desviou-o de lá.

Mas sempre continuou para o Sul afim de tratar em S. Martinho do Porto do Património dos Pobres naquela terra. Foi o seu último sopro. De regresso trouxe de Alcobaca as duas senhoras para ajudar nesta Casa de Paço de Sousa. Foi no sábado, 14, o fim da viagem. A tarde desse dia esteve ainda tomada por voltas no Porto. No regresso a Paço de Sousa, em S. Martinho do Campo de Valongo foi o desastre. Não houve excesso de velocidade. Não houve desleixo. Não houve culpa. Foi um desastre.

Aliás o acidente deixou-o sem pernas e ele morreu do coração, consumido por 27 anos de sacerdócio vivido com uma intensidade que

ninguém põe em dúvida. Depois, foi o regresso ao Hospital de Santo António. O estado era grave. A noite de sábado para domingo manteve em cuidado médicos e amigos. No domingo de manhã, perfeitamente lúcido, como quase até ao fim, pediu e recebeu os Sacramentos. O dia de domingo foi passando em esperança crescente. A noite encontrou-o com tensão arterial e pulso em franca normalização.

Cerca das 11 horas, um médico amigo, ainda familiar, viu-o e ficou muito contente. «Até já refilou» — disse ele ao deixar o quarto. Passado pouco pediu uma injeção para dormir. O médico assistente consentiu. Mas ele nem mesmo assim conseguiu descansar. A sede mortificava-o. Constantemente pedia pedacitos de gelo que chupava sôfregamente. Às 2 da madrugada começou a ficar muito aflito do coração. Deram-lhe injeções adequadas e tomou oxigénio. Cerca das cinco horas começou a sossegar. Pensámos que era a reacção boa. Mas ele foi-se apagando e às seis e cinco da manhã do dia 16, dia de Nossa Senhora do Carmo, Avelino gritou que já não respirava e nós quisemos não acreditar, mas era verdade. Depois, foram aquelas vinte e quatro horas de apoteose que o Porto conheceu. Depois a chegada a Paço de Sousa, em simplicidade, como ele gostava. Depois o abrir do chumbo, não em lances trágicos como romancearam os repórteres, mas porque havia licença para tal, já que o corpo desceria à terra. Depois um beijo de cada um por despedida. Depois, a presença dele que todos nós continuamos a sentir e que nos esforçamos por manter, vivendo a vida que nos legou, em simplicidade, como ele gostava.

[Padre Carlos]

«O Gaiato», n.º 325, de 18 de Agosto de 1956, pp. 1-4.

CALVÁRIO

Calvário,
30 de Dezembro de 2025*

ESTOU na Obra da Rua e no Calvário há 5 anos. Fui formador dos seminários diocesanos e pároco por diversas ocasiões. Também estive como capelão hospitalar no São João, na equipa de cuidados paliativos. Pensava que tinha formação suficiente para abraçar um projecto como este. Na verdade, é uma missão que nos transcende, talvez porque o foco é a doação a cada membro. Mais que director ou administrador importa a presença e a qualidade da relação e do cuidado com cada doente. Estudei e trabalhei muito o tema da espiritualidade sacerdotal e sempre vivi o meu ministério com outros sacerdotes. A partilha de vida sacerdotal com o Padre Telmo é um desafio a procurar a simplicidade quando o mundo nos exige tudo. É o esforço de santificação permanente e contínua. É o exercício da pobreza aceite livremente e com alegria. Depois ajudar na escrita, na leitura, no caminhar, na refeição, na agenda, no telefone, na oração e na eucaristia. É uma liturgia muito rica e enriquecedora e que serve de testemunho para muitos que nos conhecem. É um estilo de vida com sentido, não é fácil, mas traz bondade.

O Padre Telmo não tem preocupações. É como o velho Simeão do Evangelho de Lucas (2,29-32), aguarda ver a salvação, no caso o Salvador. Gosta do seu cafézinho, do contacto com os doentes, de receber as visitas e os amigos. Por ocasião do seu centenário o Padre Rafael, actual responsável da Casa do Gaiato de Malanje, pensou construir uma casa adaptada para crianças com deficiência, para que possam ser acolhidas na Aldeia do Gaiato. É uma espécie de presente de aniversário a que chamou Lar Daniel – Calvário de Malanje.

No regresso de África e com a publicação dos seus textos, com supervisão do Professor Henrique Manuel Pereira, sobretudo suas prodigiosas memórias poéticas, o Padre Telmo tem inspirado as novas gerações de sacerdotes e confirmado no ministério muitos padres a quem a pastoral causa grande desgaste humano e espiritual... O seu testemunho tem lançados sementes em alguns Gaiatos que têm feito formação sacerdotal, nomeadamente o Padre Arnaldo Joaquim e os Seminaristas Adão Vicente e Paulo Domingos. *O Lodo e as Estelas, Mibangas e Frutos, Rostos de uma Barragem* são obras que criam um espírito vocacional muito impactante e sério. Ele foi ordenado sacerdote em Bragança, em 1951, mas desempenhou a maior parte do seu sacerdócio como missionário em África. Para ele o sacerdócio não é um título pessoal ou social, mas uma ferramenta, um sacramento para servir o próximo. Eu já escrevi que o Padre Telmo encarna, para os dias de hoje, o espírito dos místicos activos, daqueles que olham as pessoas e a natureza e as coisas criadas pela humanidade com bondade e nesse olhar elas tornam-se belas. Ele diz que: *no coração humano cabe tudo. É maravilhoso, é uma imensidão. Cabe o amor de todas as pessoas que conhecemos. Cabe tudo no nosso coração. É extraordinário.*

O seu último livro *Fui Pároco de Aldeia*, com ilustrações de Ana Cardoso e retratos de M. L. Chichorro Rodrigues é um ponto de regresso onde tudo começou e nesse sentido uma fonte inesgotável. As histórias do Rocha e do Patuleia, o seu fiel cavalinho e o seu amigo muito pobre, são parábolas comparáveis as que Jesus narrou há dois mil anos. Contêm tanto ensino quanto humanismo cristão e são um retrato fiel do planalto mirandês da primeira metade do século XX. Quando o mundo se guerreava um jovem preparava-se para ser arauto de paz e de desenvolvimento humano íntegro. O autor Telmo Ferraz funde-se com o homem sacerdote. E a originalidade dos textos é a própria vida desnudada e simultaneamente revestida de graça.

* Texto publicado inicialmente no suplemento da edição 400 da publicação de interesse Cultural e Literário As Artes entre As Letras de 17 de Dezembro de 2025.

OS NOSSOS LIVROS

«Tivemos conhecimento deste trabalho, agora em formato de livro, através do assinante do nosso jornal “O Gaiato” Vitor Amorim, que “por mero acaso” o encontrou no meio da “rede digital”, como refere no e-mail que nos enviou em 10 de Junho de 2025.

[...] Depois de nos inteirmos do conteúdo do trabalho que o Padre Luís Pinho desenvolveu para o seu Doutoramento em Teologia Sistemática, logo decidimos, depois de o consultarmos, publicá-lo, para que a luz que dele imana sobre a “personagem invulgar” de Pai Américo, não ficasse escondida, apesar de acessível “por mero acaso”.

As palavras finais do nosso assinante ilustram bem até que ponto vai a sua admiração pela vida e obra de Padre Américo: “Se a minha admiração e respeito pela pessoa do Padre Américo, assim como de toda a sua Obra, já era enorme, ao ler o trabalho académico do Dr. Luís Ventura esta ainda se aprofundou e alargou mais.”

Algo semelhante se passou com o autor quando nos diz: “Depois de ler toda a obra dele fiquei mesmo impressionado com a sua arte de pastor e a sua santidade de vida. Merece bem um lugar nos altares.”

Estes sentimentos e palavras são convicções gravadas no íntimo de quem conheceu Pai Américo em vida ou pelos seus escritos e testemunhos ou de quem a ele recorre como se faz com um companheiro de jornada com quem se partilha as dificuldades e alegrias da vida, conscientes de que o seu interlocutor sempre soube integrar em si as dificuldades e alegrias dos outros, especialmente dos Pobres.



Sendo esta a matéria fundamental deste trabalho, acresce-lhe a apresentação do contexto histórico, político e social em que decorreu a vida de Pai Américo, o que se apresenta como uma importante originalidade, valorizando-o.» Padre Júlio.

Os pedidos podem ser feitos à Casa do Gaiato de Paço de Sousa, através do telefone 255752285; por e-mail: geral@obradarua.pt; por carta Largo da Casa do Gaiato, 94 – 4560-378 Paço de Sousa; ou no site: www.obradarua.pt